

## A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km<sup>2</sup> e a altitude é de 850m.

Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

**FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958**

**Dezembro de 2022 - Nº 606**

Diretores - Antonio Marcello da Silva (\*1931-) - Pascoal Andreta (\*1915 - +1982) - Ugo Labegalini (\*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (\*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

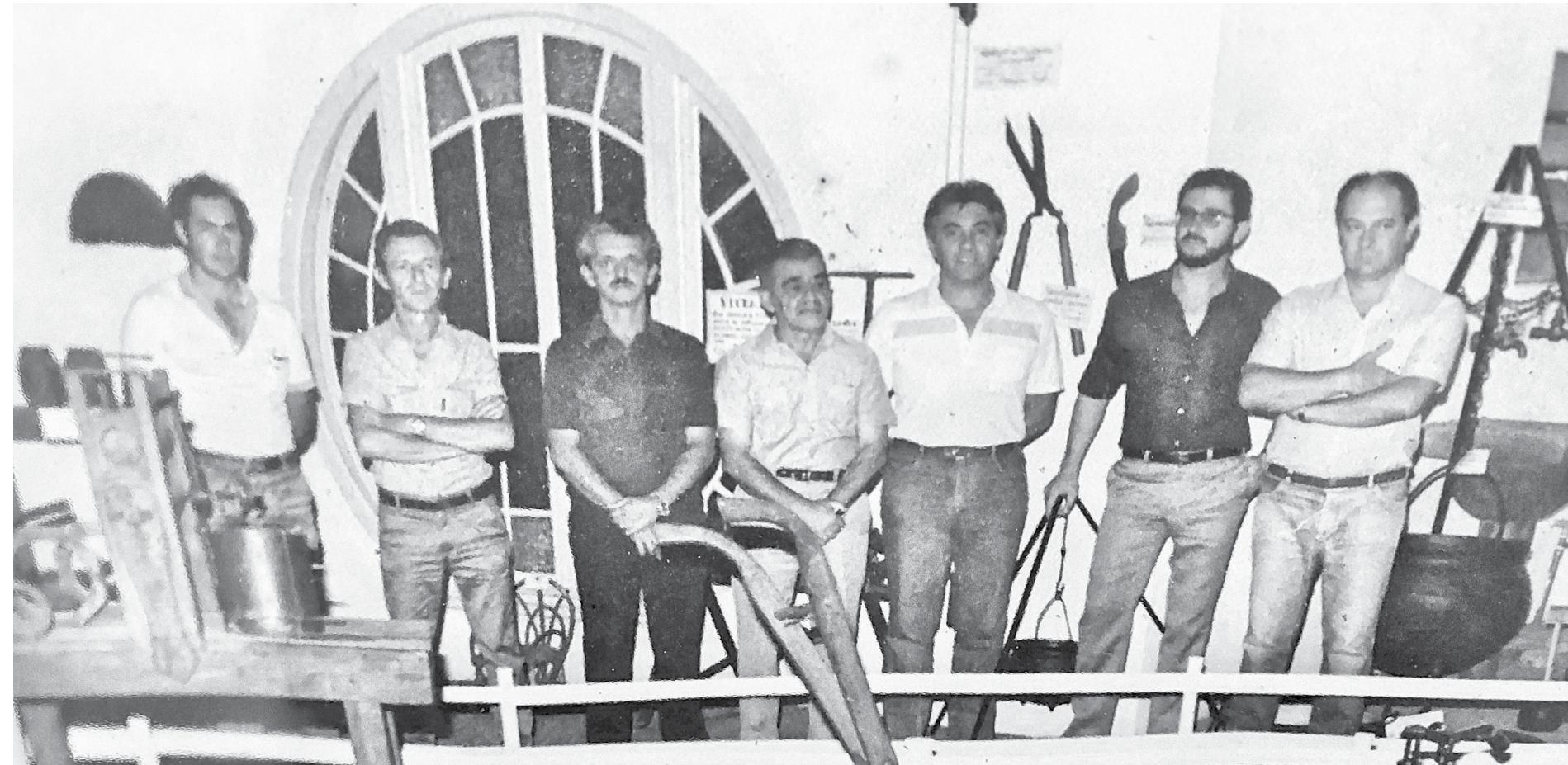
## FUNDAÇÃO CULTURAL PASCOAL ANDRETA: 40 ANOS

No dia 08/12/2022 a Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA) completa 40 anos, dedicados a planejar, promover e apoiar iniciativas culturais em nossa cidade.

O primeiro objetivo da Fundação foi criar o Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, inaugurado em 10/07/1983, idealizado oito anos antes.

O "Monte Sião" presta então homenagem àqueles que iniciaram esse grande projeto e parabeniza também todos os que se juntaram nos anos seguintes, trabalhando voluntariamente para manter a Fundação Cultural, acreditando que é sim possível divulgar e desenvolver a cultura.

Parabéns!!



Os que idealizaram a FCPA: da esquerda para direita: José Ayrton Labegalini, Carlos Faraco, Lind Gottardello, Cid Gottardello, José Airton Zucato, Claudio Faraco e Ivan Mariano Silva. Fazem parte do grupo inicial, que não estão nessa foto, mas que também recebem nossa homenagem: Lourenço Guireli Jr (Lola), José Oscar Bernardi, Romeu Labegalini, Antonio Daldosso, Rubens Zucato, Waldemar Gottardello, Romeu Labegalini, Ilson João Mariano Silva, Ariovaldo Guireli, José Cid Gottardello e Carlos Alberto Daldosso

## CRÔNICAS DA MINHA GENTE MINHA TERRA

IVAN

A terra de onde um dia eu aflorei era acanhada como um jardim de fundo de quintal: diminuta, povoada de flores simples – rosa, cravo, dália, margarida e, quando muito, dama-da-noite – ruelas despidas de vaidade, destinadas apenas a cuidar pelas flores esparsas, que sempre dão pensão, distribuídas pelos canteiros à sua vontade. Mas, todas alegres e aparentemente felizes pelo destino que ignoravam; então, sorriam. Sem saber, isentas de preconceito, cresciam ao lado coentro, salsinha, cebolinha e, se perto de Finados, junto aos lírios e copos-de-leite, reservados aos parentes mortos. Chorava-se neste dia a fim de provar nosso amor e constatar nossa saudade. Um lenço branco amarrado assoava o nariz, recolhia a lágrima furtiva, retornava a alegria por falta de outro sentimento mais simples. Era assim, minha terra. Uma rua, partindo do Morro do Lé, chegava ao Largo do Jardim: era a Rua Direita, onde estava a parca economia da cidade; ali residiam seus minguados e principais moradores. Por serem poucos e antigos, todos se consideravam principais. O César Canela do açougue e seu filho Antonio da Ferraria, o Plácido não muito sereno, o Hermínio Zucato fazendo filhos para a morte maldosamente levar, o Bepe com todas suas mulheres a lhe rodear, o Rafael do Hotel Guarini, o Lé que dava nome ao morro e a uma caçoeira sem salto, o Humberto Andreta do armazém com bomba de gasolina, o Sérgio Franco Bueno e seus courros,

à Direita – a do Sapo, donde o Pedro do Sibirino tirou seu nariz afilado (romano ou grego?) e legou ao José Ayrton Labegalini e à santinha Irmã Letícia - e outras tantas transversais: a da farmácia, com as filhas do Nocentão, a do Jardim de Baixo, com o Morro da Joaninha, de cisterna com balde, a loja do Bertardeli, que também vendia porco morto. Lá no alto, saindo para Água Quente, antes do Patrimônio e do Expurgo, pertinho da porteira do Antonio Barreirista, uma fortaleza sem parcerias: seu Lourenço Gottardello, as pernas mortas, a cabeça refulgindo, erguida pela nobreza e pelos braços obrigados a caminhar. Era o final da Rua do Mercado, cassena dos udenistas, calejados de perdas eleitorais, mas sem desistir. Na ponte para a Battinga, passagem lateral dava vau sobre o rio para os bois matarem a sede; dali ainda se pode ver a casa de Rafaello Rielli, cuja Maria Luiza, morta aos 33 anos, conferiu-lhe a certeza de que mulher faz mal à saúde, porque, viúvo longevo, jamais voltou a casar. Na saída para Ouro Fino, o Juca Fogueteiro teria morrido feliçíssimo se o Carlão da Epamina já tivesse nascido para chamá-lo de artífice pirotécnico. O Zeca da Rocha tocava baixo-tuba, o Nicolino vitrola, as meninas de vestido rodado e laço de fita na cabeça cantavam Ciranda Cirandinha, os meninos-homens brincavam de pula-sela, sem se misturarem, que menino-homem não brinca com aquelas magrelas, ainda mais sardentas. Inventor do bem-querer, o Beque descia para ver a Lídia, reforço do namoro vitalício; o Marti-

nho deixou o hábito que mais amava e o prendia ao martírio para prender-se à Tatita, que acabou morrendo distante dele e sem ele, desolada como sala sem aluno.

O capim do campo era roçado pelos cavalos que ali pernoitavam, sem pagar um tostão. Os dois riachos fechavam Monte Sião nos braços que se uniam na Capoeira do Gumercindo, tornando a Vila indevassável, inatingível a alienígenas, como bem nos ensinou a italiana avessa à mistura – e os meninos aprenderam – mas convicta de sua razão. Tia Francisca, sem descascar, com a colher cortava a champa da laranja murcha,

fucava os gomos, derramava farinha de milho, misturava e saboreava a sobremesa instantânea; nos casamentos, pão com mortadela de Mogi-Mirim que o Boretti trazia e a gente comia com a extrema educação que a mãe zelosa ensinou, como ensinou a não cantar, assobiar, ouvir rádio na Semana Santa, nem tocar viola na roça, mesmo porque as cordas, afrouxadas de propósito, se punham bambas e mudas como exigiam aqueles dias de resguardo; os casais dormiam de costas para não pecar na Semana nem na Quaresma. Era assim a terra: não poderia ser mais pura de acanhamento a minha terra.

No dia 29 de Março elazinha faz anos: 171. Meio sem jeito dou-lhe meu abraço, sem apertar, que temo intimidades indevidas e nem confesso meu amor por encabulado que sou. Mas que gosto dela, gosto. Parabéns, meu bem. Pela senhora faço como o caramujo com sua concha – para onde for, levo a senhora comigo.

*Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020*

## Não é um textão! É uma crônica.

**VALDO RESENDE**

Parece loucura escrever longos textos em tempos de frases telegáficas e overdose de imagens, vídeos. E aqui vai, conforme expressão popular, mais um "textão". Miseráveis laudas quando penso em calhamaços de Dostoevski ou James Joyce. Certamente há livros sendo publicados por aí. Aos montes! Parati recebeu recentemente quantidade enorme de leitores, e não faz tanto tempo tivemos a Bienal do Livro em São Paulo.

Outro dia ganhei do meu simpático porteiro uma revista Veja. Pensei em Crepúsculo dos Deuses!\*! Uma frágil publicação feita de textos para consumo rápido, reportagens tímidas, sem a exorbitância de páginas publicitárias dos tempos áureos. Evidência maior de mudança é constatar publicidade de todos os conteúdos digitais da Abril por 1,00 por semana. Todos! De Placar a Claudia, passando por Super Interessante, Quatro-Rodas e por aí vai. Uma tentativa de ampliar público... Mas, vamos voltar aos livros.

Estão lá, na revista, os mais vendidos em ficção, não-ficção, autoajuda e esoterismo, infanto-juvenil. As maiores editoras presentes: Record, Rocco, Companhia

das Letras, Sextante... A maioria dos livros que alcançam tais listas foram pensados para o grande público e um exemplo contundente, em ficção, é notar nos dois primeiros lugares um bem pensado produto para "vendas casadas": em primeiro lugar está "É assim que começa" e o leitor precisará comprar o livro colocado em segundo lugar para descobrir que "É assim que acaba".

Longe estou de criticar quem escreveu "Os segredos da mente milionária" ou "Mulheres que correm com os lobos". Minha mente pode até ser milionária, mas o dinheiro que seria meu deve estar fugindo, escondido dos lobos. Faço parte daqueles escritores fora do tal mainstream (convencional - me sentindo chic em usar essa palavra!). Não por vontade própria, é bom registrar. As coisas vão devagar.

Tudo isso veio a propósito da comemoração de um ano da publicação de "O vai e vem da memória". Meu livro tem feito modesta, mas digna carreira. Uma comparação se faz necessária para esclarecer a dimensão das coisas. Um megassucesso costuma começar com cerca de 100.000 volumes impressos e distribuídos amplamente. Imprimiu 300 volumes. Sem pretender me equiparar ao Drummond de Andrade, quero lembrar que

o poeta custeou a publicação de 500 volumes do seu primeiro trabalho.

Uma ilustração possível sobre a situação é comparativa: Um escritor como eu, é como aquele vendedor ambulante de chocolate caseiro concorrendo com o Sonho de Valsa, o Diamante Negro e, como sou guloso, já penso logo em Amandita. A vida é bela! E eu gosto de escrever, sempre que possível, no valdoreses.com, meu blog. Lá atrás já pretendia ser escritor. Jamais cogitei um plano de negócios. Romântico, meu mote era cumprir uma vocação! Ou sina? Castigo? Karma? Gosto. "Mais vale um gosto que um caminhão de abóbora", aprendi com minha mãe. Gosto de escrever! (coisas maravilhosas da língua que me encantam: O gosto e o gosto. O substantivo e o verbo). E assim vou eu, vivendo e escrevendo, sabendo que em algum momento serei lido, a maior recompensa. Se você chegou até aqui, obrigado. Escrever é tão bom quanto ser lido. Não importa quantos, mas por quem.

\* Crepúsculo dos Deuses (Sunset Boulevard, de 1950. Dirigido por Billy Wilder, conta a história de uma estrela decadente, Norma Desmond (Glória Swanson), vivendo fora da realidade.

# MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 50

## ISMAEL RIELI

Muito esquisito eu acho  
Teus vestidos, minha prima,  
ma,

São altos demais em baixo  
E baixos demais em cima

Dos inúmeros contos de Machado de Assis, o meu predileto é UMS BRAÇOS.

Quanta argúcia na análise do despertar da libido de um adolescente!

Como pode dona Severina perambular pela casa de braços nus?

Inácio aceitava o rosário de xingamentos que Borges, o padrinho, lhe dirigia, em troca de furtivos e rápidos olhares para os braços redondos, altamente eróticos de Severina:

"Inácio estremeceu, ouvindo os gritos do solicitador; recebeu o prato que este lhe apresentava e tratou de comer, debaixo de uma trovada de nomes, malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco."

"Também a culpa era antes de dona Severina, em trazê-los assim nus, constantemente. Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do ombro; dali em diante ficavam-lhe os braços à mostra. Na verdade, eram belos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina, e não perdiam a cor nem a maciez por viverem ao ar".

O Mago do Cosme Velho transforma a balzaquiana Severina de braços nus numa mulher muito mais apetitosa do que a mais bela morena de fio dental ou de uma estonteante loira com generoso decote.

E Inácio contentava-se com vê-la à refeição, ainda que muito tímida e discretamente.

Recomendo o livrinho

Seis Contos Escolhidos e comentados pelo dono da mais completa Biblioteca Brasileira – José Mindlin.

São eles: Missa do Galo; Uns Braços; A Cartomante; Primas de Sapucaia; O Enfermeiro; Um homem célebre.

Mas você pode ler qualquer das dezenas de contos de Machado. Todos são bons.

Consta da lista dos 10 livros essenciais da literatura ocidental, um de Machado: "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Como dizia o grande tribuno Cícero: "o tempora, o mores" – ó tempos, ó costumes.

No começo da década de 70, dirigi, por dois anos, um ginásio na zona norte de São Paulo na Vila Nivi. Foi então que um movimento espalhado das alunas ganhou corpo e elas conquistaram o direito de frequentar as aulas de calças compridas. Até então eram obrigatórios vestidos ou saias, com um avental branco.

E as muçulmanas, quando poderão exibir seus belos rostos?

Dia desses, depois de um pastel de carne e uma caçulinha na calçada do antigo oratório do Bar do Peri, desci até a centenária plácida Loja do Plácido para prosear com o poeta BOB. Desci pela calçada da Rua Direita passando pela Selaria do Renato, pelo Shimodinha e por um terreno baldio, onde ficava a antiga morada do Antônio Caetano, onde, em março de 2012, nasceu minha mãe.

A calçada naquele trecho está intransitável.

Sr prefeito, senhores vereadores, Tancredo Neves merece respeito.

Fiquei todo pimpão, todo "rempli de moi-même" com

os encômios elogiativos do poeta Arlindo Belini em nossa edição 605. Reitero que Monte São deve orgulhar-se de, em pleno 2022, manter, impresso, um jornal mensal, grácas à perseverança de alguns abnegados. Obrigado Arlindo.

"Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz" dizia a vó do Tremendão Erasmo.

Carta enviada de Trás os Montes.

Querido filho,

Assim que receberes esta carta é porque ela chegou e, você a abriu, e se não a abriu, avise-me que eu escrevo outra.

Estou procurando escrever-te bem devagar porque sei que tu não consegues ler muitinho depressa.

Filho, outro dia soube que, segundo algumas pesquisas, a maioria dos acidentes caseiros ocorrem no interior das casas, por isso seu pai e eu decidimos morar fora dela, em uma tenda no quintal.

Na semana passada, recebemos a visita do doutor para ver se estávamos bem e ele me pôs um palito de vidro na boca.

Disse-me que não abrisse a boca por dez minutos, e, seu pai, como gosta de me ouvir falar, quis comprar o tal palito do médico.

Falando no seu pai, ele arrumou um bom trabalho. No seu novo emprego ele tem mais de 500 pessoas aos pés dele. Ele é o encarregado do corte de grama do cemitério aqui do povoado.

A tua irmã Julia, a que se casou com o marido dela que tu ainda não conheces, finalmente deu à luz, mas como ainda não sei de que sexo é a criança, não sei se você é tio ou tia.

Outro dia seu pai perguntou

tua a tua irmã Matilde se ela estava grávida, ela disse que sim, já de cinco meses; então seu pai perguntou se ela tinha certeza se o filho era dela mesmo. A Matilde não quis confirmar. Moça forte essa tua irmã Matilde.

Quem não temos visto mais por aqui foi o teu tio Venâncio, que morreu no ano passado.

Filho, todos sentimos muito tua falta, mas principalmente desde que tu partiste daqui. Veja se cria coragem e nos escreva contando como está o teu romance com aquela moça estrangeira. Tú não sabes como ficamos contentes quando nos contaste que estava na cama com a Hepatite. Por acaso ela é grega?

Vou mandar esta carta pelo Joaquim, que deve passar pela tua casa amanhã. A propósito, você poderia ir buscá-lo no aeroporto?

Se tu encontrares a dona Silvéria na rua, dê lembranças de minha parte, mas se não a encontraras, não lhe diga nada!

Ernestina Cardozo Coimbra Louvaz, a Tua Mãe!

PS: Eu ia te mandar 200 euros, mas não mandei porque já coleci o envelope.

Trocando as bolas: deslocamento de letras.

Sastifação, sastifazer, cardeleta, estrupo, depois, matardela, gortadello, adorinan.

### Sônia Guerreira

Minha prima Sônia Gotardello Bortolotti Faria, a Sônia da Meminha, nasceu nas Lavras de Cima, na divisa de Socorro com Campo Místico.

O barreirista Antônio Gotardello, provavelmente por motivos políticos (afinal era o pai do ferrenho udenista, radical adversário do PSD

do Mário Zucatto, Lourenço Gotardello) foi, compulsoriamente, transferido de Monte São para as Lavras, levando consigo a filha do segundo casamento, Iracema, mais conhecida por Meminha, uma donzela casadoura, que lá encontrou Zé Bortoloti, com quem casou.

Vô Antônio voltou pra Monte São, Meminha ficou nas Lavras onde nasceu Sônia, sua filha única. A vida não estava fácil pra bandas de Campo Místico e tia Meminha, marido e filha vieram morar numa tulha no terreiro de nossa casa, no sítio. Tio Zé foi contratado jardineiro da prefeitura.

Sônia, uma menininha, trazia as lembranças das Lavras e nos contava, com sua voz sempre lenta, as acontecências de lá. Lembro-me que ela falava de uma senhora viúva: Filomena Moscatelli vai casar com o Domingão. É mesmo Vô? Filomena negava.

Acometido por uma doença insidiosa, tio Zé teve que ser internado em Casa Branca, Meminha e Sônia foram acolhidas pelos parentes de Monte São, especialmente pelo Jair do Bio.

Naquela época em que os padres ainda rezavam missa voltadas para o altar, de costas para os fiéis, naquele tempo em que o padre nosso ainda não tinha sido alterado "perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos nossos devedores" que virou "perdoai nossas ofensas assim como nós perdoamos aqueles que nos tem ofendido" naquela época Monte São desperta para o tricô.

Trabalhadeiras, aguerridas, mãe e filha ousaram, foram bem sucedidas e prosperaram. Tio Zé voltou curado e outro

Zé-Zezé filho de família querida da Água Quente, entrou na vida da menina das Lavras.

Desse casamento surgiram 3 filhos: Fabiano, Fabiola e Fabiele.

A filha única deixa para os Gotardello, Bortolotti, Faria 3 filhos e 6 netos. Garantida a geração.

Restaurado caprichosamente pela Sônia, o Jazigo dos Caetano, na rua principal de nosso Campo Santo, acolheu, na manhã do último dia 3, o corpo da guerreira incansável

As mentiras mais contadas no dia a dia:

**ADVOGADO**  
Esse processo é rápido!

**ANFITRIÃO**  
Já vai? Ainda é cedo!

**CORRETOR DE IMÓVEIS**

Em seis meses colocarão água, luz e telefone

**DELEGADO**  
Tomaremos providência

**DENTISTA**  
Não vai doer nada

**DESILUDIDA**  
Não quero mais saber de homem

**ENCANADOR**  
É muita pressão que vem da rua

**FILHA DE 17 ANOS**  
Dormi na casa de uma amiga

**FILHO DE 18 ANOS**  
Antes das 11 estarei de volta

**MECÂNICO**  
É o carburador...

**NAMORADA**  
Nem beijar eu sei

**NAMORADO**  
Você é a primeira mulher que eu amo

**ORADOR**  
Direi apenas duas palavras

**SAPATEIRO**  
Logo laceia no pé

## Fatias-em-dias-do-Bolo-Tempo: saboreie!

## JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

carro... só mesmo na ânsia de parar frente à casa e sentir luz, luz cruzar por entre mínima frincha de escuro que trazem; e ali, pedem:

Santa Clara Clarear!... E tudo clareia luz trespassa corpos em grande anunciação, de fustigar sombras. Sim, saídos que estão das catacumbas de seus finados pelos Campos Santos, agora estão

ali: à luz. Repare bem, a casa pousa nesta subida íngreme, de chão declivoso, ambos os casos, sempre embolam visitantes. Há sacrifícios para se chegar à claridade, passa-se por dores, fome, lágrimas nos dias, dias, d... Repare...

Repare como pegam seus pedaços de novos dias de um Todo-Tempo fofo. Ah!... Olhe como aquela

rena voa ares entre astros, olhe, ali, ali!... os anjos descendentes pairam sobre o estábulo do Menino Jesus... brilho brilha estrela pisca pisca piscou:

Santa Clara Clareou!... Sim, bem dentro de cada um, agora fulgura multilumi

ni. O casal abre o portãozinho... entre, entrem, por aqui, veja esta fatia de dia do nosso todo ano fofo,

pegue este pedaço que lhe dou, tome, leve-o pra casa, veja como cada dia-fatia anuncia mágica dos Magos, venha, venham todos, aqui temos Ouro, ali, Incenso, lá, Mirra Mitra:

Sol para todos!

Sim, depositem naquele canto as fatias de pálidos dias que trazem. Tomem e renovem os seus com estes que descem tremulantes

desta cascata de prata:

Bom ano, bom ano!...

E todos os anos visitantes pegam seus novos dias em pedaços bem desejados do Bolo-Tempo esperança que se abre à Festa-Dezem

bro:

Vai, prove seu pedaço!

## EXPEDIENTE

**ENTIDADE MANTENEDORA:** Fundação Cultural Pascoal Andreta

**Fundador** – Antonio Marcello da Silva

**Diretores** – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 - )

**Conselho Administrativo** – Bernardo de Oliveira Bernardi, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

**Diagramação** – Luis Tucci - MTb 18938/MG

**Fotografia** – José Cláudio Faraco

**Diréction financeira** – Charles Cétolo

**Secretário de Redação** – Carlos Alberto Martins

**Jornalista responsável** – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

**Colaboradores** – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antônio Edmar Guireli, Antônio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardello, José Alaercio Zamuner, José Antônio Andreta, José Antônio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccari, Matheus Zucato Roberti, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

**Redação:** Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte São fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km<sup>2</sup> e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentilício para quem nasce em Monte São.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

**105 AUTO PEÇAS**

**vivo**  
9 9852 5105

3465 3105 - 3465 5105

**MAZA**  
**PNEUS**

**ALINHAMENTO E BALANÇAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS**

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO)

# DUAS HISTÓRIAS DE GRANDE TEMOR

MATHEUS ZUCATO

Primeira história:  
Certa vez num tempo longínquo de uma vila singela, houve um homem desesperado cujo sofrimento era simbolizado pelo frio e fome com os quais sobrevivia à própria extinção. No armário da cozinha não restava pão, e ele chegou mesmo a disputar com uma horrenda barata as migalhas de um bolo de fubá doado por piedosos. Além de tudo, aquela barata, enorme, crescia no tamanho de um gato adulto, lutava mais forte que o homem, pois os seus motivos eram dois: a vingança das irmãs assassinadas pelo sujeito, além da preservação da própria existência. E ao homem, coitado, viúvo de esposa e de filhos, restava apenas o mesmo instinto de sobrevivência visto na barata ressentida; e nenhum afeto sensível. Diferente da barata. Nos seus tempos de reclusa inanição, apenas à espera da definitiva vitória do corpulento inseto, dividiram eles o lar e os alimentos que ali eram deixados pelo povo sentimental. Não descobriam a existência da praga; talvez, se soubessem eles da companhia com a qual habitava aquele casebre o homem, teriam abandonado às penas de asco aquele local de tamanha tristeza. Mas as baratas sabem se esconder. E assim foram correndo as semanas até que, como um ovo

que eclode em nascimento, a casa se rachou e dela surgiram as patas asquerosas de um monstro gigante.

O raiar do dia que inaugurou o mês de agosto veio aos gritos de desesperados moradores frente ao cavaleiro magrelo que se exibia do alto de sua enorme montaria. Seu cavalo, digo, sua barata-cavalo, um enorme ser de horripilante aparência, possuía antenas que se balançavam como a perceber o ambiente externo, e o cavaleiro teve de segurar firmemente as cordas que improvisou de rédeas para que sua grandiosa montaria não se afogasse e, de repente, ocasionasse um infortúnio. Após a completa evacuação do local, a cidade silenciou-se. Já no meio da tarde o povo, lentamente, percebeu que o antigo morador terminava de reconstruir sua demolida residência e que, nos fundos, um robusto galpão de madeira fora feito, como um estábulo de maiores proporções. No cair da noite, findada a obra, o homem desceu do monstro, trancou-o em seu lugar e foi para a casa descansar. Naquele dia, não recebeu doações.

Na manhã seguinte, a vila se levantou curiosa para ver o que os ventos fofoqueiros traziam até si, e, ainda antes do desejum, viram aradas e prontas ao plantio as terras do pobre homem abandonado pela vida, renascido paladino no tronco de uma besta

terrível. Pareceram notar ali alguma utilidade. Não foram poucos os favores recebidos com náusea em lugar de gratidão. Aceitavam de torcer o nariz que o cavaleiro e sua besta resolvessem todos os problemas da vila. Os poços foram consertados, a igrejinha reformada, uma barragem de terra fora erguida e impediria que as fortes chuvas de verão assolassem as casas de beira-rio; enfim, não foram poucas as finezas prestadas pelo herói municipal. Mas o povo não se deixava vencer. “Se ele se curvou perante o leviatã”, diziam, após a conclusão de algum serviço prestado sem pagamento, “se ele se curvou diante da serpente do mal, nós é que não vamos vender a alma pelas prendas do Tininhoso!”, e se erguiam orgulhosos em reconhecimento desagradecido.

No entanto, a terra do cavaleiro prosperava. Logo, pôs um administrador para trabalhar e comprou as terras do vizinho enojado. O trabalho duro era todo feito pela barata gigante sob seu domínio. Passou mesmo a doar aos mais necessitados; ajeitou as ruas mal feitas da cidade e fez inveja nos povos dos arredores, pois que as construções brotavam da noite para o dia naquela vila energética. Espantou grupos de saqueadores que perceberam na vila a prosperidade; atraiu curiosos desenhistas e alquimistas que julgavam

tudo aquilo maravilhoso; só não conseguia, mesmo, convencer a população que continuava a se esconder atrás da repulsa do horror anojado. Não aceitavam a perversa fortuna que a criatura criava ao homem. Não era certo; era inconcebível e errado, concluíram.

Foi quando decidiram dar um basta naquilo que contrariava à ordem das coisas e desafiava o trivial conhecido, sagrado. No fim de apenas alguns meses desde o aparecimento da bruta montaria, durante uma manhã madrugada, o povo se levantou em armas e ateou fogo no estábulo que trancava dentro a fera bestial. Os horríveis relinchos do bicho foram muito para o pobre dono que era contido pelos revoltados. Em sinal de boa fé, davam-lhe uma segunda chance de se redimir da profanação causada na vila singela. O cavaleiro, no dia seguinte, morreu, queimado num incêndio em sua casa. Mas a vila voltou ao seu estado de recato anterior.

**Segunda história:**  
Era uma vez uma pequena galinha que morreu botando um ovo de dois metros de altura. Obviamente não restou nem a possibilidade de se fazer um jantar, pois a galinha desabrochada mal teve tempo de entender se era o ovo que saía dela ou se ela era a intrusa ao ovo. Feita a proeza, estourou feito pipoca, e sumiu, restando o

enorme objeto avermelhado, ovo caipira. Na época não souberam explicar como se desenvolveu dentro dela a tremenda enormidade, e a discussão dos donos foi a possibilidade de um grande jantar, em caso de o ovo não chocar. Veja, porém, que mal passaram as horas da madrugada, o pinto – me recuso a chamar tamanha criatura pelo diminutivo da espécie –, o pinto rompeu a casca e nasceu.

A família, no atraer de toda a gente, de uma maneira fiel e turística, criou aquele bicho que crescia a cada dia e já atingia os dois metros e alguma coisa. Quanta comida lhe era necessária! Nem árvore sobrava. Foi quando ocorreu de um jovem rapaz, adolescente, no aceitar o desafio dos amigos, ultrapassou o portão do cercado onde vivia a criatura e correu até ela na tentativa de assustá-la. O galinho, amedrontado, disparou para a cabana onde se retirava durante a noite, e os amigos do adolescente gritaram em euforia vitoriosa. Na outra semana, para impressionar as meninas convidadas, o mesmo rapaz repetiu o feito; mas desta vez o franguinho crescido entalou-se na entrada do esconderijo e, desesperado, piou berros dolorosos aos ouvidos dos visitantes-espactadores. Na altitude última da natureza do bicho acuado, deu meia volta e, percebendo a potência que imprimia nos diminutos bípedes com mãos nas orelhas, sorveu em três bicas das orelhas do corpo do provocante rapaz.

Sozinho, ninguém queria ir. Assim, em grupo foram os habitantes vingativos atrás do frango que repousava na morada que já quase não lhe comportava. Que é o medo, esta entidade bipolar? Fizeram tudo o mais silenciosamente possível; cravou-se no monstro o que se pôde levar: foices, rastelos, facões, arpões improvisados, estacas de madeira; enfim, todos os moradores, num ato único de revolta, expurgaram o maléfico frango da face da cidadezinha brava. E fez-se mesmo o grande banquete.

## Gestação

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

No processo reprodutivo dos mamíferos, o tempo necessário para o desenvolvimento de um embrião, desde a fecundação do óvulo pelo espermatозoide, até sua expulsão do útero materno, que é o parto ou nascimento da cria, é denominado de tempo de gravidez ou “gestação”. O tempo médio da gestação humana é de 280 dias, ou 9 meses ou ainda 40 semanas; assim como o homem e da mesma forma, cada espécie tem o seu tempo médio de gestação, por exemplo: coelho – 29 a 31 dias; gato – de 58 a 60 dias; cachorro – 63 dias; leão, onça pintada e ovelha – 100 dias, pouco mais de 3 meses; capivara – 160 dias, ou quase 6 meses; boi – 285 dias ou pouco mais 9 meses; cavalo – 340 dias, ou pouco mais de 11 meses; jumento – 365 dias, ou 12 meses (um ano); girafa – de quase 400 a 450 dias, ou 13 a 15 meses; elefante africano – de 660 a 720 dias, ou de 22 a 24 meses (dois anos!), e assim vai...

No sentido figurado, a “gestação” é interpretada como sendo o tempo de preparação ou realização de algo; por exemplo, na iniciativa privada, se uma pessoa (CPF) ou uma empresa (CNPJ) quer edificar uma construção (a sua própria casa ou um prédio comercial) parte-se para a confecção do conjunto de projetos, seguido de orçamentos e cotacões, contratação e compra dos insumos necessários e a construção até a con-

clusão da obra; todo esse tempo transcorrido é o período de gestação da empreitada. No poder público acontece quase que a mesma coisa, mas por imposições legais, e até mesmo para se evitar possíveis cambaluchos, as compras e contratações não podem ser feitas diretamente, sem antes um processo licitatório; assim, o tempo de gestação de uma obra pública sempre é maior que daquele da obra privada, mas isso é compreensível.

A grande vantagem da obra privada sobre a obra pública, é que o dono do empreendimento contrata profissionais da sua confiança e compra materiais do seu gosto, lógico que faz cotações, mas não se preocupa em comprar o mais barato ou o que parece imprimir mais economia financeira, analisa-se o custo-benefício do investimento versus a qualidade da compra, assim o tempo de “gestação” é bastante curto. Infelizmente, o mesmo não se aplica à obra pública. Na obra pública há a necessidade de processos licitatórios, desde a confecção dos projetos, passando pela compra dos insumos materiais até a contratação da mão de obra para a execução; isso tudo implica em um tempo de “gestação” muito mais longo.

No entanto, existem mecanismos legais em que a “gestação” da obra pública pode ser encurtada, tais como: os projetos podem ser feitos sob convite, com dispensa de processo licitatório; o registro de preços permite que se façam compras diretas com muita

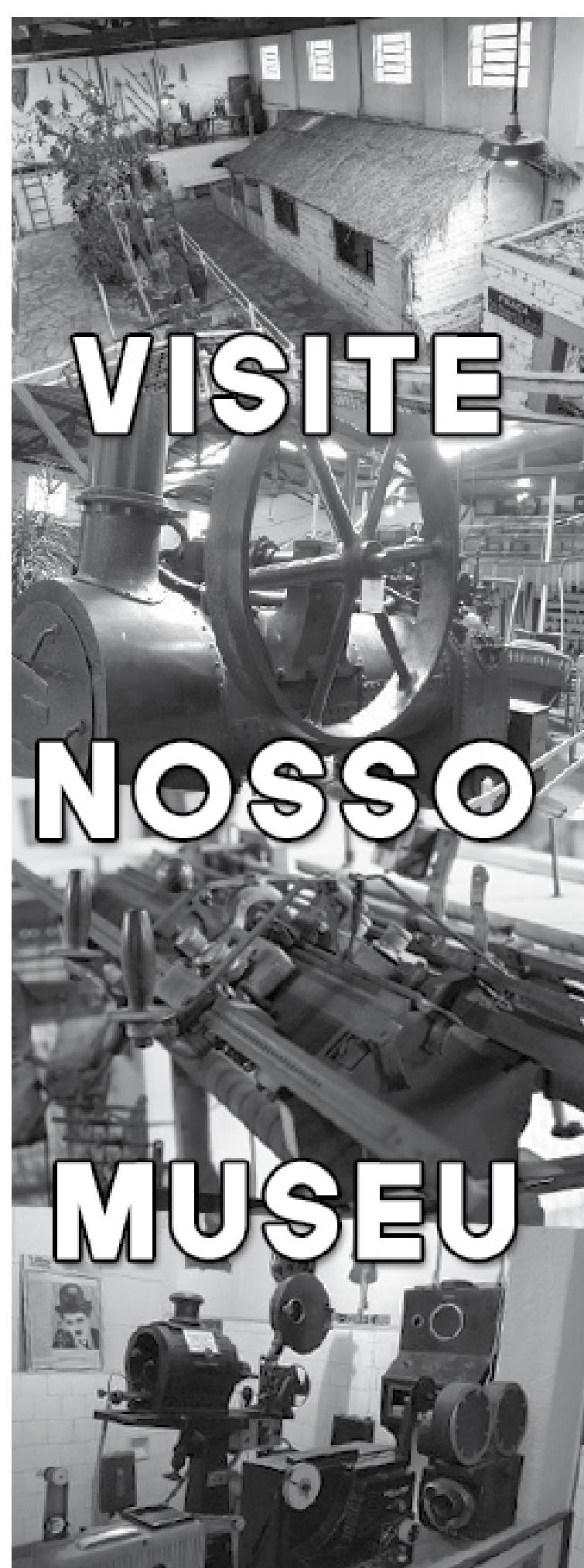
rapidez; obras abaixo de certo valor podem ser feitas por contrato direto, sem o processo licitatório; a declaração de calamidade pública permite a dispensa de licitação para obras emergenciais. Como nem sempre o menor preço reflete em economia aos cofres públicos, o poder público pode efetuar o contrato pelo preço médio das propostas; a real autonomia da Comissão de Licitação permite a economia de tempo; planilha de preços atualizada pela Diretoria de Obras dá mais elasticidade nas negociações; e por aí vai, mas o principal fator no tempo de “gestação” de uma obra pública passa pela capacidade técnica e administrativa do executivo, agora municipal.

Voltando às noções da “gestação” biológica dos mamíferos, a “gestação” da nossa tão sonhada Ponte da São Simão, que poderia ter sido comparada à do coelho, pela situação da emergência; ou à do gato ou do cachorro, pelo decreto da calamidade; ou ainda à do leão, da onça pintada ou da ovelha, considerado um processo licitatório (dispensável); já ultrapassou a capivara, no tempo hábil de uma segunda licitação; já alcançou e ultrapassou o boi e no ritmo que anda deve logo alcançar o cavalo e comemorar o primeiro aniversário junto com o jumento. Meu Deus, afasta de nós a girafa e, principalmente, o elefante africano. A Ponte da São Simão foi levada pela enchente no dia 31 de março de 2022, veja o dia de hoje e calcule quanto tempo já dura a “gestação” da edificação de uma passagem no local, que não precisaria ser a definitiva, mas uma provisória que desse conforto e mais segurança aos usuários da passagem interditada.



Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109



## MEMÓRIAS DE PAOLO PANCIOLO - 16

Depois de visitar a Sivam e definir a nossa situação, acompanhamos as moças ao centro para as compras e frequentemente me encontrava ao lado da Myriam, que nos gestos, nas palavras e principalmente no olhar, transmitia felicidade e ternura. Ainda me faltava a coragem de tomar uma iniciativa. À noite de 20 de dezembro fomos ao Cinema Arlequim, para ver o filme Rock and Roll (O balanço das horas).

Sentados lado a lado, com a minha mão apoiada no braço da poltrona, senti a mão da Myriam segurar a minha e apertar com força.

Em um caderno, uma espécie de diário daqueles dias, depois da descrição do fato, escrevi esta observação: "Sorte que a felicidade não mata, senão não teria sobrevivido!".

A minha vida seguiu o seu curso, porém com muita, muita mais felicidade. Tinha ainda na minha frente um mar de desafios e obstáculos para superar, mas estava seguro de vencê-los com a companhia, o apoio e o amor de Myriam.

Poucos dias depois fui à Bauru com o Papai e a Mamãe e lá, no dia 5 de janeiro de 1957, aniversário de 19 anos de Myriam, ficamos noivos para completar a nossa felicidade e das nossas famílias.

A Erieg, a empresa onde trabalhava Eric Caira, era uma indústria americana de produtos magnéticos em

fase de instalação, produzindo precariamente pouquíssimos artigos. Portanto, visava mais pesquisar o mercado do que efetuar vendas. Naquele momento, eles queriam conhecer a potencialidade do mercado em Belo Horizonte, e para fazer esse trabalho me ofereceram um bom valor fixo e uma antecipação sobre as comissões. Antes de partir, fiz um curso de aproximadamente 20 dias, sobre os seus poucos produtos e suas possíveis aplicações.

Nos primeiros dias de fevereiro parti para Belo Horizonte, onde por sorte vivia Henrique Morandi, um grande amigo da família do Tio Davino. Com a sua ajuda e companhia, me ambientei facilmente na cidade e encontrei um razoável hotel antes de começar o trabalho. O parque industrial de Belo Horizonte naquela época era muito limitado em quantidade e qualidade. Após poucas semanas, me senti na obrigação de avisar a Erieg que não existia mercado para justificar o meu trabalho. Porém, por razões que até hoje não sei explicar, me pediram que continuasse na cidade. Permaneci mais de três meses visitando repetidamente indústrias pequenas e grandes com resultados tão modestos que fiquei desanimado. Por sorte, um vendedor de São Paulo saiu e me chamaram para substituí-lo. Foi um grande alívio. Pois não suportava mais me apresentar na empresa praticamente

sem vendas. É verdade que nesse início, eles não se preocupavam muito com o resultado, mas eu como vendedor me sentia destruído. A volta para São Paulo teve também o mérito de me reaproximar de Myriam. No período que trabalhei em Belo Horizonte, namorados recentes, tivemos uma troca quase diária de correspondência. Telefunar de lá para Bauru naquela época era quase impossível.

Para ir à Bauru demorava 8 horas de ônibus de Belo Horizonte para o Rio, 6 horas do Rio para São Paulo e outras 5 ou 6 horas de trem de São Paulo a Bauru, onde naturalmente chegava mais morto que vivo. Mesmo assim fazia esse trajeto todos os meses com uma disposição incrível. Trabalhando em São Paulo, além da possibilidade de visitar a Myriam a cada 15 dias, podia me comunicar com ela por telefone com uma certa facilidade. Tínhamos um telefone em casa, uma comodidade rara naquele tempo, desde a nossa chegada no Brasil. Piero, pouco antes da nossa chegada, havia solicitado uma linha e nós a havíamos recebido na última expansão da rede. Final, vivendo em família, com um verdadeiro mercado à disposição em São Paulo, voltei a encontrar o ânimo e o entusiasmo para o trabalho.

Tinha dois colegas e a empresa entregou a cada um de nós uma lista exclusiva com clientes potenciais com os quais devíamos estabele-

cer contatos preparando o terreno para o futuro. Estávamos no mês de junho de 1957 e a fábrica entraria em produção em abril ou maio de 1958. Enquanto isso, tínhamos à disposição alguns produtos de pouca qualidade para atender as necessidades mais simples. Tio Davino me trazia todos os dias do Consulado Italiano, onde trabalhava, o Diário Comércio e Indústria do qual extraía os nomes e endereços das novas indústrias registradas na Junta Comercial, que imediatamente visitava. As vendas eram poucas, mas as perspectivas de negócios aumentavam continuamente.

Entrei no novo ano motivado e com muito otimismo. Notava que para a venda desses produtos era muito mais importante o domínio das características técnicas que a habilidade inata do vendedor, e assim me sentia favorecido. Estava estimulado da evidente potencialidade do mercado, da convivência da família e do afetuoso apoio de Myriam.

Naquele início de ano, dia 5 de fevereiro, nasceu Ângela, filha de Roberta e Danilo, que vinha aumentar a nova geração brasileira da família, nos trazendo novas alegrias.

No mês de maio, a Erieg inaugurou a fábrica e iniciou a produção de ligas magnéticas e de uma ótima variedade de excelentes equipamentos. Em dois meses, consegui um volume de vendas que era o previsto para o ano inteiro.

As comissões relativas garantiram uma tranquila situação financeira. As perspectivas de futuros negócios também eram muito favoráveis e assim decidimos marcar a data do nosso casamento para o dia 6 de setembro. Era a realização de um sonho maravilhoso depois de muitos sacrifícios sentimentais e materiais.

Para completar a nossa felicidade, veio dos Estados Unidos, Giuliana com a filha Shirley, que tivemos a oportunidade de conhecer. Foi um reencontro emocionante para todos depois de doze anos longe. A cerimônia foi realizada em Bauru (Igreja Santa Therezinha), com grande participação de parentes e amigos, muita festa e muita emoção. A seguir passamos uma breve lua de mel em Águas de Lindoia e Ouro Fino. Muito felizes, no retorno a São Paulo, fomos morar na casa que havia alugado na Vila Mariana na Rua Dona Carolina, 55. Era próxima à Rua Guimarães Passos onde tinha morado por aproximadamente cinco anos depois da nossa chegada ao Brasil e onde ainda moravam o Piero e a Itala. Há algum tempo, o Piero tinha deixado o trabalho de empreiteiro e depois de um breve período nos escritórios do Matarazzo e da Heliogáz, trabalhava como almoxarife na Têxtil Calfat.

A convivência com ele havia sido sempre afetuosa e constante, mas morando perto se tornou ainda mais intensa.

Itala ajudou muito Myriam para ela se ambientar em São Paulo nos primeiros dias até a chegada de papai e mamãe, que vieram morar conosco. Papai tinha acabado de construir duas casas de aluguel para o Danilo e agora aos 66 anos pensava em parar de trabalhar. A nossa casa tinha nos fundos um longo terreno em descida que ele, com paciência e determinação, transformou em patamares de pequenas hortas. Alface, almeirão, couves, cenouras, tomates e até morangos entraram em produção constante. Completando o ciclo ecológico, construiu um belo galinheiro onde as galinhas alimentadas com os restos da cozinha e de verduras, forneciam por sua vez ovos e fertilizante natural para a horta. Nunca tinha visto meu pai tão feliz!

Myriam com a mamãe, além de cozinhar e administrar a casa treinavam com entusiasmo o italiano, a leitura e a arte das palavras cruzadas, que eram a especialidade e a paixão da mamãe. Tinham, além disso, uma maravilhosa convivência de afeto e de harmonia que se estendia por toda a família nos frequentes encontros nos finais de semana. Além de Piero e Itala, que pela proximidade, praticamente viviam conosco, os nossos familiares de São Paulo, assim como os parentes de Myriam de Bauru, nos visitavam constantemente para amenizar a saudade recíproca.

## Um monte-sionense no Iraque

**ROMILDO LABEGALINI**

José Ulisses Guireli (Ulisses para nós), é filho único do casal João Guireli e Terezinha Bernardi. Seu pai era quase nosso vizinho, separados apenas por três casas. Excelente

alfaiate, quando sobrava um tempinho ia ajudar seu sogro Plácido Bernardi na loja de tecidos, sapatos, roupas e... óculos. E João era o "oftalmo-oculista juramentado". Quando chegava um freguês com pouca visão, ele era a solução. Pegava uma caixa de papelão

contendo muitos óculos, um jornal e ia experimentando na pessoa até achar o ideal. Se este era alfabetizado, lia as frases e, se analfabeto, via somente o tamanho das letras. (A loja do Plácido existe até hoje, funcionando há mais de 100 anos no mesmo local, na

esquina da Rua Tancredo Nogueira com a Rua José Moterani e seu neto Bernardo Bernardi é quem continua na mesma atividade).

Voltando ao assunto do Ulisses, ele nasceu em 1943 e, moço ainda, foi estudar em Amparo onde conseguiu um emprego numa Concessionária Volkswagen. Posteriormente foi transferido para São Paulo, na função de Gerente da Seção de Peças da Volks.

Sempre vinha a Monte Sião rever seus pais e iniciou um namoro com Isabel Grossi, filha do casal Ciro Grossi e Amálie Mazoni e se casaram. Para a felicidade do casal tiveram três filhos e netos. Em 1983 Ulisses ainda trabalhava na Volks em São Paulo, como

Gerente na mesma seção de peças e houve um concurso de todas as Concessionárias para a escolha do melhor vendedor e a seção dele foi a vencedora. Como era o gerente, recebeu uma boa proposta para trabalhar no Iraque, por um ano na mesma função.

Ele aceitou a proposta, deixou a esposa e os filhos em São Paulo e partiu para lá. Juntamente com ele embarcaram oito funcionários da Empreiteira Mendes Júnior, que iriam trabalhar no asfaltamento de rodovias, que eram precárias. Nesta viagem o avião sofreu uma pane e fez uma aterrissagem forçada num campo de futebol em outro país, onde permaneceram por três dias e foi necessária a vinda de técnicos da Alemanha para o conserto. Os tripulantes só conversavam em

árabe.

Chegando ao Iraque, a Concessionária ficava na capital Bagdá e Ulisses era o gerente da seção de peças, onde funcionava também uma oficina mecânica para reparo em veículos da Volks que eram muito comercializados naquele país e diversos Iraquianos eram mecânicos. Naquela época Saddam Hussein era Ditador.

Ulisses e os funcionários da Mendes Júnior alugaram uma casa e preparavam suas próprias refeições. Quando ele estava de folga e como o calor era intenso, às vezes, ele usava túmica e turbante que eram muito confortáveis e também aprendeu um pouco da língua árabe.

O Iraque, localizado no Oriente Médio que faz parte da Ásia, é o maior produtor de combustíveis fósseis do mundo, o petróleo, é banhado pelos rios Tigre e Eufrates e o clima é seco, mas no inverno é muito frio e chuvoso em algumas regiões. Nas proximidades dos grandes cursos d'água que banham o país, existem diversas plantações, bosques, pomares com árvores frutíferas como: alcaçuz, tamareiras, cedraria, trigo, uvas, melancia, milho, batata, arroz etc.

No país existem indústrias nos setores de Petroquímica, Construção Civil e Metalurgia, a moeda é o Dinar Iraquiano e o idioma é falado em três línguas: Árabe, Curdo e Turco.

Em Bagdá não existiam bares e quem quisesse con-

## Origem da árvore de Natal

**JAIME GOTTARDELLO**

Antes do cristianismo, as pessoas prestavam atenção especial às plantas e árvores verdes no inverno como uma forma de ter esperança de que a escuridão e o frio logo acabariam. Enquanto as pessoas modernas decoram suas casas com pinheiros, abetos e guirlandas durante as festas de fim de ano, as pessoas do mundo pagão penduravam galhos perenes nas portas e janelas. Acreditava-se que as árvores perenes afastavam bruxas, fantasmas e espíritos malignos em muitos países.

O dia mais curto e a noite mais longa do ano caem em 21 ou 22 de dezembro no Hemisfério Norte. A partir daí os dias começam a se tornar mais longos e as noites mais curtas. As pessoas esperam o renascimento da luz, a nova celebração da vida. E isso vale para as crenças pagãs e para o cristianismo. Renascimento, vida nova.

Como um símbolo da vida eterna, os antigos sacerdotes celtas, os Druidas do atual Reino Unido e Irlanda, decoravam seus templos com ramos perenes. No que dizia respeito aos vikings, as sempre-vivas eram um presente especial de Balder, o deus da luz e da pureza.

Na Alemanha, cristãos devotos decoravam árvores

res em suas casas durante o século 16, o que é considerado o início da tradição da árvore de Natal que conhecemos hoje. As pessoas construíram pirâmides de madeira de Natal e as decoraram com sempre-vivas e velas.

A árvore de Natal é uma tradição maravilhosa e histórica com a qual enfeitamos nossas casas a cada Natal para nos encher de espírito de alegria e colocar

nossos presentes embalado. Sim, é verdade. Mas independentemente de crença religiosa, a árvore de Natal representa beleza, harmonia e o renascer do novo. Seja na crença de que o Sol voltará em breve a trazer luz, calor e vida ou o nascimento do

Menino que renova o mundo.

Boas Festas. Bom Ano!

*Traduzido e adaptado de DY, Glory: Does the Christmas Tree Have Pagan Origins? Disponível em: <https://www.christianity.com/wiki/holidays/what-is-the-origin-of-the-christmas-tree.html> acesso em 04/12/22*

# O BRILHO DO DIABO

**JOSÉ ANTONIO ZECHIN**

Todos sabem que o diabo é ardilos. Ele cria situações de desentendimentos e tragédias entre os humanos ficando totalmente imperceptível. Sempre nas trevas. Sem ser notado, vai criando suas artimanhas. Quando a pessoa se dá conta, o mal já está feito. Simples assim. Em

cada esquina, lá está ele atentando a cada escolha que fazemos. Difícil resistir às tentações (como Jesus fez) e fazer a coisa certa. Já viu os filmes “Advogado do Diabo” e “Coração Satânico”?

Dia desses ouvi um extraordinário depoimento do ator Denzel Washington sobre a presença do diabo nas nossas vidas. Assim: “*Tem um*

*ditado que diz que quando o diabo ignora você, então você sabe que está fazendo algo de errado. O diabo diz: ‘Oh, não, deixem ele em paz, ele é o meu favorito. Não incomodem ele’. Em contrapartida, quando o diabo vem até você, talvez seja porque você está tentando fazer algo certo.*” Pois é. Existe uma eterna batalha espiritual entre as forças do Bem e do Mal.

Segundo a teologia, Lúcifer foi um anjo que, cobiçando um poder maior que o de Deus, acabou se entregando ao pecado até ser expulso do Paraíso. Você sabe o significado de “lúcifer”? Por incrível que possa parecer, significa “estrela da manhã”, “o que brilha”, “o que traz a luz”. Portanto, na próxima vez que você perceber alguma coisa brilhando demais, tome cuidado!

## A Loja do Plácido virou livro

**L. A. GENGHINI**

Os estabelecimentos comerciais de Monte Sião, da segunda metade do Século XX, alguns em atividade até nossos dias, fazem parte da vida de quem nasceu e cresceu na pequena e acolhedora cidade do Sul de Minas.

Um desses estabelecimentos, este ainda em atividade, é a Loja do Plácido fundada em 1922 e instalada desde 1955, quando a construção do prédio atual foi concluída. A Loja do Plácido, o “italiano sem ceroula”, segundo o Lucianinho, era meu ponto obrigatório de parada para tentar vender ovos recolhidos no sítio da mãe, na Batinguinha, ou para comprar as encomendas, também, da mãe (armarinhos, tecidos, elástico, linhas...), ou para ouvir os causos do Lucianinho, sempre inventados e mesclados de italianices como o “felenomeno fumando charuto”, envolvendo os próprios operadores da loja (Plácido, Lucianinho e João Guireli), ou

latados, outra razão para dar

uma portadinha (no idioma monte-sionês: uma paradinha) na Loja era para “namorar com os olhos” os chaveiros, pentes “Flamengo”, cintos, isqueiros, canivetes, óculos de grau e de sol e outros apetrechos que cuidadosamente eram expostos aos olhos de quem se aproximasse do balcão envidraçado que ficava colado à cadeira do Plácido, de onde ele lia o jornal, observava o mundo e ditava comandos, nem sempre obedecidos. Havia, também, o cavalete com as bobinas de mantas de plástico estampado, próprias para toalhas de mesa de cozinha, e o armário envidraçado, em cantoneira, próximo à porta de baixo, no ângulo entre as Ruas José Moterani e XV de Novembro (atual Tancredo Neves), onde eram expostas carteiras, espelhos-de-bolsos e outros itens curiosos, cujas compras eram acionadas e decididas pelo impulso dos clientes. Uma aula de marketing de varejo!

Nas grandes prateleiras descansavam as peças de tecidos, desde seda à casimira vendidos a metro, em baixo dos balcões eram mantidas as calças Rancheiras e as “Dolza” destacadas pelo bordão “A elegância é sua, mas a calça é Dolza”, as camisas “Volta ao Mundo”, “Volta ao Espaço”, especialmente as “Terra”, brancas para serem usadas com gravata e terno nas ocasiões festivas ou nas cerimônias religiosas. Houve um tempo em que o traje para frequentar o cinema da cidade era o social, com terno e gravata.

Havia ainda uma sala reservada onde ficava o depósito de calçados, os comedores de calcanhar, os sapatoões Arranca-toco e a infalível Calçadeira de plástico cor mogno do Luciano que fazia pé 44 entrar em sapato 39. Meus preferidos eram aqueles sapatos que tinham salto

Durante muitos anos, um exemplar da Consolidação das Leis do Imposto de Consumo, Decreto 26.149 de 5 de janeiro de 1949, regulamentando a tributação sobre produtos de consumo, permaneceu colado na portinhola do quadro de luz, antecipando a obrigatoriedade que temos atualmente de manter e exibir aos consumidores uma cópia do Código de Defesa do Consumidor. Mais uma vez o zelo e o cuidado dos herdeiros para com a manutenção da originalidade do estabelecimento se pronunciaram e o Bernardo recuperou e enquadrhou o referido Decreto-Lei como mais uma preciosidade da Loja do Plácido.

O tempo, cumprindo seu mistério, foi passando e deslocando todo aquele mundo bucólico, porém feliz. Eu me mudei, como fazia a maioria dos jovens daquela época, inclusive os netos do Plácido. Na implacável burocacia de seu procedimento, o tempo levou o Plácido, o João Guireli e o Luciano, mas para a felicidade nossa e da história de Monte Sião, o Bernardo Bernardi, neto do Plácido, filho do Luciano, resolveu continuar dando existência à Loja do Plácido, enquanto ainda encontrava horinhas para poesar, escrever, colaborar com o “Monte Sião” e participar de outras maneiras da vida da cidade.

Graças à sensibilidade dos sucessivos cuidadores da Loja, e especialmente à poesia do Bernardo Bernardi, que se “preocupa mais

## BONS EXEMPLOS SEMPRE FRUTIFICAM

**J. CLAUDIO FARACO**

Alguns leitores talvez se lembrem que em jornal passado, falamos sobre o belo exemplo da jovem Karina Freire Corsi, com apenas 15 anos de idade, que doou boas mechas de seus cabelos para uma entidade em São Paulo que confecciona perucas para doentes de câncer. Pois bem, agora é a vez das lindas garotinhas, as irmãs Maria Genghini Freitas e Manuela Genghini Freitas, com apenas oito anos de idade, filhas de Madelaine Genghini Freitas e Eduardo Matheus Alvarenga Freitas. Elas também resolveram e doaram 22 centímetros de seus cabelos para a confecção de perucas que serão doadas aos doentes de câncer! Vejam que maravilha! Apenas oito ani-



nhos de idade e já dando lições de como a Educação e o Amor ao próximo podem sim preaver e fazer história em nossas vidas! Parabéns, um enorme e

apertado abraço a elas pela belíssima atitude e também aos pais de ambas, pois certamente eles apoiaram e incentivaram a maravilhosa ação de suas filhas!

Que esta atitude sirva de exemplo para todos nós acreditarmos que o mundo pode sim, ser melhor, mais humano e fraternal!

## O canto da Poesia



### Desabafo

Ontem  
a poesia  
não veio

Hoje  
disse-me  
por que

“Estava  
despida  
na rua

e que  
só versos  
e rimas

não vestem  
uma poesia  
nua”

**Eraldo Monteiro**

### A Jabuticabeira do Ivan

A velha jabuticabeira de saudosas lembranças  
Do Ivan tão cheia de frutos madurinhos  
Era conservada no coração com bonanças  
Quando aqueles frutos eram chupados bem devagarinho

Em sua crônica ele fez uma narrativa inteligente  
Sobre a jabuticabeira plantada em seu quintal  
E ela era apenas uma planta mas parecia ser gente  
Com sua florada branca na temporada anual

Como ele descreve a brancona e a verdona  
Da fruta madura e das abelhas colhendo o néctar  
Poeticamente ele fala das doces mulatonas  
Como se fossem as jabuticabas prontas a se deliciar

Dolentemente ele fala do tempo de sua mocidade  
Como a provar que ainda resta o viço da juventude  
O mesmo viço da sua jabuticabeira com saudade  
Como a reverenciar simples atos mas com atitude

Ele fala nas entrelínhas seus sentimentos lascivos  
Descreve também que no lugar das flores expõe pelotinhas  
Verdes virgens e insossas num tronco desnudo mas vivo  
De sua jabuticabeira com seus ramos bem carregadinhos

Como ele descreve a Primavera quando a jabuticabeira  
floresce  
Sabientemente faz com que o mês de setembro aconteça  
Aquela florada branquinha que tanto entremece  
A quem depois bem depois com a fruta madura se abasteça

Saudoso e respeitado Ivan sua crônica nos transmite  
saudade  
Nos transmite o passado como a legar o presente  
Para que no ainda distante futuro nos venha a felicidade  
Como num sublime pacote onde se encontra um ser vivente

E que aquela jabuticabeira de seu quintal  
Nos possa trazer não só aqueles frutos madurinhos  
Mas nos traga também aquele passado magistral  
Onde o senhor percorria bondosamente o seu caminho

**Arlindo Belini**

### Kamikase\*

Inesperadamente  
oh! Vento Divino (kamikaze),  
soprase forte,  
meus rastros,  
minha rota.

Onde me levastes?  
Horizonte perdido,  
cume da paixão.  
Retomar?  
Impossível.

(\*Nota do MS: Kamikaze é um termo em japonês que significa vento de Deus ou vento divino, na língua portuguesa).

**Yoshiharu Endo**

### Receita

penso  
que a poesia fosse  
receita de doce  
pudim  
e geleia

e que  
quando pronta  
alimentasse  
a alma

que a poesia  
estivesse à mesa  
em aroma  
magia  
e história

que sem história  
magia e memória  
a vida não se completa

**jcarlos grossi**

# Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Trico

Dezembro de 2022

Nº 606

ANIVERSARIANTES DO MÊS

## JANEIRO DE 2023

Dia 01	Vanessa Durante
Anselma Gaioto Benatti	Dia 16
Ricardo Fernandes	Dr. Antonio Marcello da Silva, Fundador e colaborador deste jornal
Freire	Dia 17
Dia 02	Flávio Leme
Willian Augusto de Paiva	Marcelo Zucato
Dia 03	Hiroshi Takahashi
Iolanda da Fonseca	Dulcelene Pioli
Silvério	Dia 19
Raimundo Esteves da Silva	Bruna Vilela Bueno
Vera Ap. Labegalini	Fábio Labegalini Zucato, Vilma Helena da Silva.
Denez, Marumbi/PR	Paulo R. Labegalini, Henrique Monteiro
Dia 04	Mário S. Labegalini
Renata Zucato	Lúcio B. Labegalini
Valéria Elena Canela	Nelson Labegalini
Alice da Silva	Dia 20
Diego Felipe Souza Dias	Rafisa Aparecida Ferreira de Godoi
Dia 05	Sebastião Romeu de Souza
Tatiani Campos Freire	Euclides Sebastião Denez, Marumbi/PR
Vinícius Monteiro Rizzato	Wilson Rodrigues de Bacelar,
Dia 06	Barueri/SP
João Gabriel G. Silva	Dia 21
Horácio Glória Caneila	Nayara Barbosa
Débora M. Comparim	Pedro Antonio G. Silva
Zucato	Miriam Nozomi Izumi
Maria José da Costa	Larissa Ribeiro
Dia 07	Labegalini
Maria Dione Viviane	Inês Pires Fonseca
Fernanda F. Fazoli	Dia 22
Gotardelo	Mariana Zucato
Dia 08	Lais Magioli Rodrigues
Samantha Zamuner de Souza,	Dia 23
Neuza de Lima	Bianca Folgosa Macedo
Amábile Barbosa Ferraz	Dênis Odínino
Flávio Anselmo Scachetti	Ana Carolini Fabri
Débora Valdisserra dos Santos	Dia 24
Inês Shubita	Robson Comune Faria
Dia 09	José Reinaldo Macedo
Flávia Coutinho	Daniela Righette
Israel Pereira Barbosa	Walter Gotardelo
Evandro Takahashi	Isabel Silvério Barbosa
Eurema Labegalini	Dia 25
Tiago Henrique Artuso	Murilo Jiharu Izumi
Dia 10	Dia 26
Celina Dorta Machado	Celso Grossi
Sofia Borges Galbiati	Talita Valdisserra dos Santos
Eduardo Vicente	Cecília Comparim
Gaspardi	Juliana Genghini
Érica Borges de Queirós	Dia 27
Dia 11	Plácido Bernardi Neto
Wellingto Vieira Macedo Jr.	Maria Antonieta D. Firmino
Pedro Henrique Z. Righetto	Cibeli Armelim
Dia 12	Otávio Monteiro Odínino
Antonio Roberto C. Genghini	Dia 28
Oralina B. do Nascimento	Antonio Carlos Ferraz
Dia 13	Célia Bernardi
Luís Henrique Bossi B. Veloso	Dia 29
Waldemar de Castro Jr., Luciana Silvério da Fonseca	Luciana Ap. Freire
Dia 14	Canela
Eduardo Kenji Izumi	Dia 31
Dia 15	Maria Emilia R. Zucato
Larissa Zucato Lopes	Sandro Penachi Moreira

*A todos, as felicitações da Redação!*



Pães e Massas Especiais  
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170  
**Fone 3465-1368**  
Monte Sião - MG



ADRIANO - CHARLES - MAURICE

**(35) 3465-1635**  
**3465-4404**

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

**Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise**  
Bioquímico: Ferdinando Righetto  
● Teste do Pezinho ampliado  
● Credenciamento com os Laboratórios:  
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESPI e SAE (São Paulo)  
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

A melhor internet do Circuito das Águas Paulista



Águas de Lindóia: (19) 3824-3671  
Monte Sião: (35) 3465-4963  
WhatsApp: (19) 99773-1001

**PORCELANA MONTE SIÃO**  
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP  
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECIMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG